**ORIENTAÇÕES QUANTO AO USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

“Odiada por alguns, temida por muitos, admirada por outros, criticada por alguns, mas desfrutada por (quase) todos, a televisão tornou-se um dos fenômenos mais complexos, espetaculares e desafiantes de todos os tempos.” (OROZCO, 2001, p.11)

O uso das mídias na Educação Infantil constitui-se numa discussão complexa e conflituosa. Não existe um consenso entre os estudiosos das diferentes áreas do conhecimento sobre o seu impacto no processo do desenvolvimento infantil, o que tem gerado muitos questionamentos em torno de como utilizá-la nas Unidades Educativas: Quais as possibilidades educativas do uso das mídias na educação infantil? Em que medida o mundo midiático contribui para aprendizagem e o desenvolvimento das crianças? Como utilizar de forma crítica e criteriosa os suportes midiáticos na Educação Infantil?

As discussões aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar ou mesmo estabelecer conclusões apressadas sobre o tema em questão. Por isso o objetivo proposto é o de sensibilizar os profissionais que atuam diretamente com as crianças para uma reflexão sobre o uso das mídias no cotidiano da Educação Infantil, provocando um olhar mais aprofundado sobre estes recursos tecnológicos e pedagógico, dando ênfase ao aparelho de televisão.

Em relação ao uso da televisão (TV), Gilka Girardello (1998), utiliza alguns autores para dialogar sobre a temática e afirma que a TV, ao mesmo tempo em que pode ser uma janela para o mundo, pode também ser um veneno que intoxica e paralisa os corpos. Para a autora, a TV precisa oferecer diversidade de linguagens e conteúdos, contar histórias diversas de diferentes origens e lugares. Conforme aponta Soler (p.25, 2015):

Desta maneira podemos num primeiro instante concluir que, a partir da relação que as crianças estabelecem com a televisão, elas percebem outras maneiras de pensar o mundo que as cerca, tornando presentes em seu processo lúdico elementos assistidos na televisão. Contudo, se faz necessário analisar de forma mais complexa os diferentes fatores que integram a atividade imaginativa da criança que assiste televisão. O papel que essa mídia exerce na vida de uma criança depende de como esta se encaixa na vida particular de cada uma e da qualidade do seu cotidiano, tendo também grande importância a mediação de um adulto.

Para que a televisão se efetive na prática como um recurso pedagógico que possibilite a ampliação do repertório cultural, de crianças e adultos, e não apenas como um artifício usado mecanicamente, devemos questionar: “Qual o tempo que as professoras disponibilizam para esse momento de assistir televisão? É um tempo cronológico? Ou o tempo da criança? Ou seria ainda o tempo do adulto? Quando se liga ou se desliga a televisão? O que acontece quando se liga ou desliga a televisão? Em relação ao uso da televisão, o que a professora propõe: amplia, diversifica, complexifica?” (SOLER, 2015, p.30)

Segundo Soler (p. 87, 2015):

Partindo do pressuposto de que as mídias contribuem para a constituição da identidade dos sujeitos, podemos apontar que as mídias ocupam um lugar cada vez mais significativo no repertório cultural das nossas crianças. Contudo, é importante ressaltar que a contribuição das mídias depende da forma de recepção e mediação de suas formas e conteúdos, ou seja, as pessoas não são passivas às imagens, aos sons e textos da televisão, e sim se apropriam deles, dependendo de como estes afetam e fazem sentido para cada sujeito. Portanto esse processo está relacionado com uma conjugação de fatores subjetivos sociais, culturais e históricos.

Para Buckingham (2007), as crianças estão cada vez mais envolvidas com as mídias, sendo inquestionável a presença da televisão no cotidiano de crianças e adultos. Atrelado a esse fato, há uma tendência de culpabilizar a televisão pela propagação de uma cultura comum, onde todos cultuariam às mesmas preferências, hábitos, conhecimentos. Contudo, as relações que vão se estabelecendo com as mídias são influenciadas por vários fatores, como o contexto social e político no qual o sujeito está inserido. Portanto as referências televisivas podem tanto limitar quanto ampliar as referências culturais de crianças e adultos. E assim Soler (2015) nos remete a outra questão: nossas práticas pedagógicas estão possibilitando a ampliação cultural ou apenas uma homogeneização global? O ponto de partida para essa reflexão está estreitamente relacionado com os filtros mediadores de experiências e significados.

Fantin (2006) apresenta pistas para subsidiar algumas reflexões que as profissionais podem fazer ao selecionar filmes que irão disponibilizar às crianças, a partir de critérios éticos, pedagógicos, afetivos e linguísticos:

|  |  |
| --- | --- |
| Ampliar o repertório cultural das crianças | Com escolha de filmes que apresentem diferentes contextos sócio-culturais, diferentes linguagens, diferentes valores e diferentes estéticas. |
| Todo filme pode ser educativo | Considerar que todo filme pode ser educativo, pois às vezes, mais que o filme em si, educativa pode ser a relação que se estabelece com ele; isso não significa que não se deva pensar nas “qualidades inerentes” que os filmes possuem. |
| Níveis de desenvolvimentos dependem de diversos fatores | Considerar que os níveis de desenvolvimento das crianças, seus interesses, capacidades e preferências, dependem de diversos fatores: da relação com a cultura, das diferentes condições de infância, dos interesses que variam a partir das capacidades reais e potenciais, da idade, do capital cultural, das preferências de gênero, classe, etnias, etc. |
| Conhecimentos prévios das crianças | Escolher os filmes a partir do conhecimento que o educador tem das crianças daquele grupo específico, de seus desejos, suas faltas e necessidades, sabendo que os filmes possuem sempre um grau de abertura e incerteza que permitem interpretações as mais diversas. |

Fonte: (FANTIN, 2006, p. 184-185)

Para ampliar essa discussão indicamos o estudo dos eixos temáticos, apontados por Simone Soler (2015) em sua dissertação de mestrado. Na pesquisa realizada nesta rede, a autora sistematiza algumas questões para reflexões organizadas em nove eixos temáticos, sendo eles:

|  |  |
| --- | --- |
| **Eixos temáticos** | **Reflexões** |
| Relações de Poder | • Quem decide quando será usada a TV?  • Quem escolhe o que assistir? Por que e como escolhe?  • As crianças querem assistir TV?  • Quando as crianças assistem TV, foram dadas a elas outras opções ou a TV era a única opção?  • Por que as professoras utilizam a TV? |
| Recepção | • O que acontece antes, durante e depois que as crianças veem TV na instituição?  • As crianças conversam sobre o que assistem? O que dizem?  • Como as crianças reagem, interpretam ou reelaboram o que assistem?  • Qual o papel dos adultos e das outras crianças nesse processo? |
| Intencionalidade | • Existem problemas em se usar a TV? Quais?  • Qual a intencionalidade do uso da TV? É planejado, registrado e avaliado?  • Os usos da TV são diferenciados para cada faixa etária?  • Como analiso se os conteúdos estão relacionados com os objetivos pedagógicos?  • A Educação Infantil só deve contemplar audiovisuais classificados como infantis? Por quê?  • O que é permitido às crianças enquanto assistem TV?  • A TV é usada para controlar, organizar e silenciar as crianças?  • O que se propõe em relação à TV amplia, diversifica, complexifica o universo sóciocultural das crianças? |
| Escolha | • Que tipos de materiais/textos audiovisuais são disponibilizados às crianças, em termos de linguagem e conteúdo?  • O que determina se um material audiovisual é de qualidade?  • Devemos preferencialmente apresentar às crianças audiovisuais aos quais elas não tiveram acesso? Existe algum problema em assistir a um DVD que já se assistiu?  • Como perceber os estereótipos e preconceitos de um filme? Como lidar com o tema da violência nos textos audiovisuais?  • Como lidar com programas ou vídeos que estejam associados ao consumo? |
| Organização do tempo e espaço | • Qual o tempo que as crianças passam vendo TV, dentro e fora da instituição?  • Qual o lugar da TV na rotina diária das crianças? E no cotidiano das crianças na instituição?  • Como o espaço é organizado para este momento?  • Quando, por quê e quem decide ligar e desligar a TV? |
| Mediação | • Faz sentido que as crianças vejam TV em nossa instituição?  • Como podemos lidar com as referências televisivas que as crianças já trazem de casa?  • Como podemos oferecer mediações à experiência das crianças com a TV na Educação Infantil?  • A frequência com que as crianças de diferentes idades assistem televisão é a mesma?  • Que tipos de mediação à TV temos promovido em nossa instituição?  • Como abrir espaço para que as crianças manifestem suas impressões, reflexões, emoções a partir do que assistem?  • Como promover a interação entre elas, a conversa delas umas com as outras, sobre o que veem na TV?  • Como as professoras podem intervir nessa conversa de modo a apoiar a criatividade e a criticidade das crianças em relação ao que veem na TV?  • Como explorar o potencial de autoria e participação das crianças a partir de sua experiência com a televisão? |
| Formação | • Que formação as profissionais em nossa instituição tiveram sobre a relação TV e criança?  • Como fazer relações entre a formação que as profissionais tiveram em outros campos (artes, linguagem, literatura, ética, valores, estudos sociais, etc.) para qualificar a relação das crianças com a TV?  • Que aspectos específicos teriam que ser abordados em uma formação de nossos profissionais capaz de qualificar a prática pedagógica com relação ao uso da TV? |
| Políticas | • Como a TV é apresentada nos documentos?  • O que poderia ser acrescentado, atualizado ou problematizado? |
| Regras implícitas: “quando se usa a TV na Educação Infantil” | • Poderíamos problematizar ou referendar essas regras?  • Existem outras regras implícitas? Ou combinados explícitos em algumas circunstâncias?  • O uso da TV está condicionado à regras implícitas, com por exemplo, ao fato de a professora estar sozinha?  • É possível um equilíbrio no uso da TV? Nem o uso constante, nem a ausência total? |

Fonte: (SOLER, 2015, p. 292-307)

Por fim a intenção dessa reflexão não é restringir o uso da TV, nem tampouco, incentivar seu uso constate, mas o de repensá-lo qualificando as práticas pedagógicas de um modo crítico e criterioso, sobretudo, prazeroso e significativo para as crianças.

**Gerência de Articulação Pedagógica – Florianópolis /2016**

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BUCKINGHAM, David. **Educação para as mídias.** Instituto de Educação da Universidade de Londres. Março, 2011. Disponível em: <http://profwagner.wordpress.com>.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

CAPPARELLI, S. **TV e criança:** a emergência do mercado de bens culturais. In: PACHECO, E. D. (org). Televisão, criança, imaginário e educação. Campinas: Papirus, p. 151-160, 1998.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e Itália**. Tese de doutorado. UFSC, 2006.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. (Guia da escola cidadã; v.12)

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**; Resolução n. 1, de 7/4/1999, Brasília: MEC, 1999.

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. **Televisão e imaginação infantil :** histórias da Costa da Lagoa. São Paulo, 1998. 349f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 1998.

Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil**. Secretaria Municipal de Educação. – Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora ltda , 2010.

SOLER, Simone. **Se chover assistimos tv**: práticas e mediações pedagógicas em relação à televisão na educação infantil. Florianópolis, Santa Catarina. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/31_03_2016_14.36.53.511d9c0adb9a464b9084783221200613.pdf>.

**SUGESTÕES DE LEITURA:**

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e Itália**. Tese de doutorado. UFSC, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. (Guia da escola cidadã; v.12)

PEREIRA, Sara de J.G. **A televisão na família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar.** Universidade do Minho, Braga, Portugal, Ed. Bezerra, 1999.

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. **Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa**. São Paulo, 1998. 349f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 1998.

SOLER, Simone. **Se chover assistimos TV: práticas e mediações pedagógicas em relação à televisão na educação infantil**. Florianópolis, Santa Catarina. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.